

Academia de Medicina de São Paulo

missão cumprida

Guido Arturo Palomba

Em 7 de março passado, deram-se a solenidade de posse de 27 novos Membros da Academia de Medicina de São Paulo e a comemoração do 117º aniversário de sua fundação.

Noite festiva, Sala São Paulo repleta de convidados, cada qual com o seu contentamento.

Felicidade maior foi ver a Academia reunida por força de seu Estatuto, a preencher todas as cadeiras e estar acompanhada das mais importantes instituições médicas. José Luiz Gomes do Amaral, presidente da Associação Médica Mundial e Acadêmico, em sua saudação aos recipiendários, ressaltou a importância do local, um templo paulista e brasileiro. Affonso Renato Meira, presidente da Academia de Medicina de São Paulo, encerrando a sessão solene, lembrou que a Casa de Pereira Barreto é pequena, são apenas 130 cadeiras, mas esplende grandeza na virtude de seus membros, acrescida agora dos novéis Acadêmicos.

Para chegar a esse ponto de plenitude, a Academia passou por profunda reorganização, iniciada em 2003, cujo primeiro passo foi a reforma do Estatuto, aprovado em Assembleia Geral, em 12 de novembro de 2004.

O segundo passo foi a organização das cadeiras, Patronos e Membros, aprovada em Assembleia Geral, em 17 de agosto de 2007. Depois vieram vários outros procedimentos, a fim



de atingir a reestruturação completa, a culminar com o recente preenchimento de todas as cadeiras, em 7 de março de 2012.

Hoje, na plenitude, o seu corpo compreende 130 Membros Titulares e Eméritos (com 20 ou mais anos de titularidade), cujas cadeiras são numeradas de 1 a 130, com vitaliciedade. No caso de vir a vagar uma cadeira, o preenchimento dar-se-á mediante votação secreta, na qual o candidato, para ser eleito, deverá obter metade mais um dos votos, ou seja: somente adentra à Casa o que gozar da soberana vontade da maioria dos Titulares e Eméritos.

A Academia ainda compõe-se de 115 Membros Honorários vitalícios, os quais, embora não tenham cadeiras fixas nem votem, são, outrossim, personalidades que se alçaram à consideração pública pela notória reputação científica, social e política e concorreram, e ainda concorrem, para o engrandecimento da Academia.

Assim, na festa de 7 de março de 2012, na Sala São Paulo repleta, a Academia, ao dar posse a 27 novos Membros Titulares, atinge a final reforma iniciada em 7 de março de 2003.

Missão cumprida.

Guido Arturo Palomba

Ex-presidente da Academia de Medicina de São Paulo

O discurso do Presidente

*Obedecendo às formalidades estatutárias, depois de abrir a sessão e empossar os acadêmicos,
o Presidente encerrou-a com este pronunciamento:*

Affonso Renato Meira

Passados 117 anos da sua fundação, a Academia de Medicina de São Paulo, para comemorar seu aniversário e para dar posse solene a 27 novos membros titulares, reuni, aqui, membros da elite da medicina brasileira ao lado de autoridades governamentais. Quero agradecer a presença e saudar: o excelentíssimo Secretário Estadual da Saúde, membro Titular da Academia de Medicina de São Paulo, Giovanni Guido Cerri, nesta solenidade representando Sua Excelência o Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmim; o ilustre Presidente da Associação Médica Mundial, membro Titular da Academia de Medicina de São Paulo, José Luiz Gomes do Amaral; o ilustre Presidente da Associação Médica Brasileira, Florentino de Araújo Cardoso Filho; o ilustre Presidente da Federação Nacional dos Médicos e do Sindicato dos Médicos de São Paulo, membro Titular da Academia de Medicina de São Paulo, Cid Célio Jayme Carvalhaes; o ilustre Presidente da Academia Nacional de Medicina, Marcos Fernando de Oliveira Moraes; o ilustre Presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, Renato Azevedo Júnior; o ilustre Presidente da Associação Paulista de Medicina, Florisval Meinão; e os ilustres representantes de sua Excelência: o Prefeito, Gilberto Kassab, o excelentíssimo Secretário da Saúde Municipal, Januario Montone, e os Coordenadores Pedro Kron, da Gestão Hospitalar do SAMU, Marcos Gutemberg Fialho da Costa, da Federação Brasileira de Academias de Medicina, e Marta Maite Sevillano, da Associação Brasileira das Mulheres Médicas. Saudação que estendo a todos que engalanam com a presença esta solenidade, em especial a minha esposa, Jô, e

a minha filha, Sílvia, e todas as outras mulheres que amanhã festejam o dia que deveria ser de 366 neste ano bissexto: O Dia Internacional da Mulher.

Quero exprimir a satisfação da Academia de Medicina de São Paulo, que está honrada de compartilhar com suas congêneres a posição de estar entre as quatro maiores entidades médicas do Estado de São Paulo. Na realidade, a Academia de Medicina de São Paulo não tem o ardor do Sindicato dos Médicos de São Paulo nem o poder do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo e sequer a grandeza da Associação Paulista de Medicina, mas, como um perfume que de um pequeno frasco exala uma fragrância das mais poderosas ou de um vinho que se qualifica pelo tempo em que é guardado, a Academia de Medicina de São Paulo na pequenez de seus 130 membros titulares oferece a experiência guardada da vida passada, a sabedoria de seus componentes e a prudência de seus objetivos.

Esta confraternização em que se encontram as autoridades do Estado, as lideranças da cidade de São Paulo e a representatividade dos médicos paulistas mostra, e bem, essa união.

União que luta com a Frente Nacional por mais recursos para a Saúde, pela dignidade do médico, por uma formação mais completa da sua graduação, pela diminuição na expansão de novas Escolas de Medicina, por uma revalidação de diplomas dos médicos formados no exterior, sob uma correta e exigente avaliação; em suma, uma incumbência para que sejam oferecidos à sociedade médicos mais capazes e uma medicina mais abrangente e de melhor qualidade.



Sala São Paulo no dia da solenidade

A essa missão se unem 2 confradeiras e 25 confrades, que, depois de serem eleitos, tomaram hoje posse solene. A elas e a eles me dirijo dizendo que devem ter a honra de ostentar a condição de membro Titular da Academia de Medicina de São Paulo. Para a eleição como membro da Academia de Medicina de São Paulo, se faz necessário que possua um passado profícuo na Medicina, que não tenha se desviado dos preceitos éticos e que, no presente, seu nome seja reconhecido pelos outros membros da Academia como merecedor de ser chamado de confradeira ou de confrade.

Quero agradecer a todos que, com o patrocínio ou colaboração, possibilitaram que esta festa fosse realizada. Desejo dirigir uma palavra aos companheiros de Diretoria, pelo in-

centivo, pelo apoio, pela colaboração e pelo trabalho que vêm oferecendo à Academia de Medicina de São Paulo. Quero apresentar os agradecimentos às famílias das novas confradeiras e dos confrades, pela presença e compreensão. Só resta dizer, portanto, parabéns Academia de Medicina de São Paulo, muito bem-vindas confradeiras e confrades e obrigado a todos. Está encerrada a sessão.

Affonso Renato Meira

Presidente da Academia de Medicina de São Paulo



Disponível em: <<http://victoriaherbal.blogspot.com.br/>>

Velhas árvores

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

*“Velhas árvores silentes debruçadas sobre
um banco solitário do jardim...”*

J. Guedes de Azevedo

Parece sábio substituir por outro um prazer extinto — meu café matutino está servido na sala de almoço. Mudança extraordinária — desde que me lembro, sempre o recebia em meu quarto, desvelo que minha mulher herdou de minha mãe; e esta, de minha avó! Agora meu deleite é olhar ao redor: através da janela, em frente, passo os olhos sobre os vasos com flores e verdes que dão simpatia a uma pequena área — augúrio bom para o dia que acabara de alvorecer; à esquerda,

doado por Maninha, uma pequena “*árvore da felicidade*”, que por si só convence que ela existe, pelo menos nas coisas mais simples; à direita, lá adiante, a estante, os livros, os discos e os retratos dos meus inesquecíveis... Penso um pouco: já faz tanto tempo...!

Mas, lá fora, as velhas árvores das calçadas há meio século nos abençoam... Elas, no entanto, têm passado despercebidas durante a maior parte desse tempo, embora purifiquem o ar, ou abriguem belos pássaros — de sabiás a periquitos! Lindo: quedam sobre as do outro lado e formam verdadeiros arcos verdes, lembrando a velha rua São Luiz, quando foi a mais charmosa da cidade.

Tempo de florir. Efeitos outonais dão um toque de beleza à rua. Ao neblinar, chão tapetado de pétalas caídas, compondo bela luminescência de átomos dourados que se elevam do asfalto, esbatem, refletem, refratam-se aos raios das lâmpadas amareladas e promovem o nosso “*espetáculo de luz e sombra*”!

Já foi dito que, ao abrigo de antigos arvoredos, velhos casais podem esperar pelo porvir — apoiando-se mutuamente com real afeição — ou, nem tanto, se a indiferença já dominou suas mentes:

“No velbo parque solitário e frio,
dois espectros evocam o passado.
— Lembras-te do nosso êxtase antigo?
— Porque achas que eu me lembraria?”
(Paul Verlaine. *Colóquio sentimental*)

Árvores isoladas afiguram-se mais altivas. Assim como os humanos ao escolherem a solidão como sua melhor companhia... “... *Força de ser só, da glória de ser triste*” (Olavo Bilac. *Avatar*).

Invade-me uma saudade serena das minhas árvores — das litorâneas e das campestres.

Sob dois frondejantes “*chapéus de sol*”, da casa em Bertioga, há décadas usufruímos as melhores férias de todos os tempos. Bem por isso tornaram-se suas ornamentações especiais. Hoje, elas não mais existem — sacrificadas, condicionaram-me a melhor refletir acerca da relativa importância dos bens terrenos ante o peso dos muitos anos já vividos.

Também outras espécies participam do meu íntimo. *Araucárias* curitibanas compuseram moldura da chácara onde vivi meus primeiros sete anos. Parece-me vê-las como se estivessem junto a mim, e, ao lado, a imagem de Luis Fernando, meu único irmão (1926-1928), apontando a lua surgida por detrás das nuvens. Nesse sonho, mesmo acordado, sinto a presença de remotas melodias: *Lua Branca, Casinha Pequeninha, Canção da Felicidade*...

Portanto, não faltaram motivos para plantar no sítio *Qui-riri* os meus quatro pinheiros, que hoje já ultrapassaram os 30 anos e que, apesar de não exibirem a bela e clássica silhueta de uma “*taça voltada para o céu*”, imponente dos sulinos, contentam modestamente minha aspiração. Igual idade têm

os *flamboyants*, esses, sim, portentosos. Algumas espécies frutíferas e outras ornamentais, da mesma época, também compõem o grupo das diletas. E há o bosque das mangueiras, quase centenárias, que aos poucos vai se tornando apenas uma relíquia.

Novamente admiro a “*arvorezinha da felicidade*”. Aliás, denominação bem simpática, condizente com o seu aspecto, mas pode induzir a uma irreal expectativa... Preferiria nomeá-la: “*arvorezinha da esperança*”.

Fevereiro, 2007 / março, 2012

Heidelberg

M. I. Rollemberg

“Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor...

*Lembre-se: se escolher o mundo, ficará sem o amor;
mas se escolher o amor, com ele conquistará o mundo!”*

Albert Einstein

O Best Seller do historiador C. G. Sweeting, com a biografia de Hans Baur, piloto de uma das figuras mais controversas da História, descreve com riqueza de detalhes a tomada de Berlim nos momentos derradeiros da Segunda Guerra Mundial. Na mesma proporção do avanço dos exércitos russos, o comandante das tropas aliadas — general Eisenhower, em sentido inverso, ordenava a retirada das tropas americanas. Fato que mereceu enorme crítica na época, cujos desdobramentos são sobejamente conhecidos. O então chanceler soviético Molotov prolatava sua teoria expansionista, a qual “rezava”: “para dominar a Europa, há que se conquistar a Alemanha, e, para dominar a Alemanha, é preciso conquistar Berlim...”.

Não sem razão que, nesta situação, os aliados exigiram parte de Berlim, criando uma situação esdrúxula: para chegar a Berlim ocidental, tinha-se de atravessar a Alemanha comunista, segundo os soviéticos — República Democrática da Alemanha, separada da outra pelo inominável “muro”!

Ficou célebre uma visita do presidente Kennedy a Berlim ocidental, que, à borda do muro recentemente construído, declarou “Ich Bin ein Berliner!” (“Eu sou um berlinense!”), como a afirmar que não toleraria sua invasão e conseqüente tomada.

Fez-me lembrar outra particularidade daquela hecatombe. Os exércitos americanos sitiaram Heidelberg, cidade histórica às margens do rio Neckar, sede de uma universidade de fama mundial, com um passado histórico riquíssimo, ao lado de uma topografia invejável. Quem não se lembra da opereta “O Príncipe Estudante”, de Sigmund Romberg? Conta-se que o general americano, profundo admirador da cidade, enviou seus emissários para negociar com o oficial alemão, que àquela altura estava à mercê dos canhões adversários, a fim de

render-se, pois não admitia a possibilidade de bombardear a cidade que tanto admirava. Se a versão é real ou não, a verdade é que sua conquista foi feita sem um único tiro, permanecendo a belíssima cidade em todo o seu esplendor, intocável até hoje.

É uma cidade de estudantes. Nos dias de festas, ela se transforma: a estudantada torna repletas as ruas, o chope corre solto e a alegria é geral e contagiante.

Em um congresso de Cirurgia Torácica, participei de uma mesa na qual se achavam dois ilustres mestres: um professor



Vista do Castelo de Heidelberg, a partir do centro da cidade



Balsa no rio Neckar, em Heidelberg

de Chicago e outro de Heidelberg. Como de hábito, após a sessão convidamos os conferencistas para almoçar com os demais participantes. Tocou-me levar o professor alemão. Fomos conversando em inglês, e, lá pelas tantas, nem me lembro o porquê, ele disse que falava também francês. Aquilo soou estranho, já que são notórias as animosidades entre alemães e franceses. Ficamos no inglês mesmo, pois a língua de Voltaire não tinha lá muitos adeptos.

Fomos a uma churrascaria, cuja especialidade era “picanha fatiada”. O garçom colocava na mesa uma pequena chapa, alimentada por um braseiro, cortava e assava a carne em finos cortes, o que fez enorme sucesso, com a confissão do mestre de Heidelberg de: “nunca ter saboreado coisa igual...”. Ali, entre um chope e outro, foi nos contando que, após a reunificação da Alemanha e a célebre queda do muro de Berlim, foi encarregado pelo governo alemão para fazer o levantamen-



Entardecer em Heidelberg através do rio Neckar



Fim de tarde através do rio Neckar

to das condições dos hospitais e, em última análise, da assistência médica na parte oriental alemã. Segundo sua informação, havia um único hospital muito bem montado exclusivamente para a “Nomenklatura”, a elite dirigente, sendo que, para o restante da população, o serviço era muito precário. Isso em um país onde a assistência médica alcançava nível de excelência para toda a população da parte ocidental, como pude sentir ao ser atendido em uma emergência médica na então Berlim ocidental. Ele também nos informou que, na época, o governo alemão ainda iria gastar uma fortuna para conseguir equacionar o atendimento médico naquela região, pois teriam de refazer praticamente tudo.

Fico aqui a pensar na desigualdade da ênfase dada por nossos dirigentes à assistência médica no meu país. À nossa “Nomenklatura” está reservada uma assistência especialíssima, extensiva às famílias com uma dotação orçamentária generosa, indefinidamente. É a nossa democracia!

À noite, fomos a uma recepção, a convite do Professor Ricardo Beiruty, um dos organizadores do conclave, no suntuoso apartamento de seus pais, muito a propósito na rua dos Franceses. Como originários da Argélia, tinham como segunda língua o francês. Aliás, acabou sendo a língua mais ouvida no encontro. Fomos apresentados a uma senhora de meia-idade, extremamente simpática, falando um francês escorregado e mostrando em seu semblante, apesar da idade, sua beleza, que na mocidade deveria ter sido fascinante. Foi então que soubemos tratar-se da esposa do ilustre professor alemão. Aí compreendemos seu entusiasmo pela língua de Molière. Ficamos a matutar do que é capaz o amor por uma mulher bonita. Consegue-se superar todas as diferenças e questiúnculas. Ainda bem!

Hélio Lourenço de Oliveira e Ruy Ferreira-Santos

coincidências e constrastes médicos

Fábio Leite Vichi

Ambos foram médicos, formados pela Faculdade de Medicina de São Paulo no mesmo ano de 1940, pioneiros e professores da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Notabilizaram-se na profissão, mas em especialidades diferentes. Enquanto um foi clínico; o outro foi cirurgião.

Alguns paralelismos certamente aconteceram na vida dos dois, que se entremearam também com diferenças.

Nasceram no mesmo ano, 1917, Hélio Lourenço em Porto Ferreira, interior do estado de São Paulo; enquanto Ruy Ferreira-Santos, na capital do mesmo estado. Encontraram-se, com certeza, de forma oficial como colegas da mesma turma, depois de juntos vencerem os exames vestibulares de 1935.

Consta que Lourenço de Oliveira foi o melhor aluno da turma, mas o orador foi Ferreira-Santos. Entre outras coisas, disse naquele dezembro de 1940: “... se esta solenidade festiva justifica regozijo e muito júbilo nem por isso exclui a profunda lucidez dos momentos decisivos. A festa é de louros e de palmas, mas contém a definição de um roteiro e a tremenda seriedade de um juramento”.

Militaram no Hospital das Clínicas de São Paulo, dependente da Faculdade de Medicina de São Paulo, instituição em que ambos defenderam teses de livre-docência. Com esse título, foram convidados a montar Departamentos, chegando à Ribeirão Preto: Hélio Lourenço de Oliveira em 1953 e Ruy Ferreira-Santos em 1954.

Constituíram cada um deles o Departamento para o qual tinham competência. Acercaram-se de auxiliares capazes, a maioria proveniente de São Paulo — seus ex-alunos ou, então, seus conhecidos. Com os demais, superaram as grandes dificuldades e paulatinamente as venceram. Fizeram escola, formaram discípulos e engrandeceram a instituição.

Outros caminhos estavam destinados aos dois. Hélio Lourenço de Oliveira, como chefe do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, foi escolhido reitor da Universidade de São Paulo. Viviam-se os anos da ditadura militar no Brasil, e, em atitude absurda e violenta, ele foi aposentado pelo AI-5, em 29 de abril de 1969. Foi então convocado a trabalhar na Organização Mundial de Saúde, atuando em assuntos de ensino médico em Alexandria, e exerceu atividades até dezembro de 1972. Retornou a Ribeirão Preto, trabalhando como médico. Em julho de 1980, foi reintegrado à Universidade de São Paulo e, em carreira chegou, em 1983, a diretor da escola.

Ruy Ferreira-Santos persistiu na escola até a década de 80 do século XX. Aposentou-se da universidade, mas não da Medicina. Presidiu sociedades de cirurgia pelo estado e também pelo País. Geriu um consultório de muitas procuras e de grandes realizações cirúrgicas. Por convite, tornou-se acadêmico também de Academias Literárias e escreveu as suas memórias. Operou até 1985.

Foram dois personagens de grande destaque na história médica. Dois pensamentos de Hipócrates podem parafraseá-los: “Medicina é a mais nobre de todas as artes” e “Dedicarei a meu mestre de Medicina igual respeito ao que dedico aos autores de meus dias, dividindo com eles meus haveres e socorrendo-o, em caso de necessidade; considerarei seus filhos como meus irmãos...”.

Hélio Lourenço de Oliveira faleceu em 14 de março de 1985; e Ruy Ferreira-Santos; em 26 de outubro de 2003.

Fábio Leite Vichi

Ex-aluno e docente aposentado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador), Nílceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.